



Perdidos no Monte Sherman

JAMES H. WINCHESTER

Uma das mais audaciosas
e espetaculares
operações de salvamento
da história da aviação

Retalho do Drama Cotidiano

DE MANHÃ CEDO, em 5 de janeiro de 1967, Robert B. Greeno, piloto da Companhia de Serviços Públicos do Colorado, voava por entre as Montanhas Rochosas, a 3 500 metros de altitude, em um pequeno helicóptero de três lugares. Através das montanhas, rumo a oeste, seu destino era Greenwood Springs, para um exame de rotina dos recém-instalados postes das linhas de fôrça. Com êle viajava Olie Larsen, de 56 anos de idade, su-

perintendente das linhas de transmissão.

Do teto da cabina, o rádio anunciou: "Atenção tôdas as aeronaves! Avião caído no cume do Monte Sherman! Sinais de vida!"

Um bimotor Cessna fretado, com pilôto e quatro passageiros, tinha desaparecido nas montanhas perto da antiga cidade mineira de Leadville. Aviões de busca tinham-no finalmente descoberto na neve, a 4 500 metros, em cima de um dos mais altos e inóspitos picos da cordilheira. Tempestades varriam a região.

Acionando o interruptor de seu transmissor, Greeno respondeu:

—Helicóptero da Cia. Serviços Públicos Três Zero C. Distância estimada: 13 quilômetros. Que podemos fazer?

O que êsse tranqüilo pai de quatro filhos, com 38 anos de idade, fêz na hora e meia seguinte valeu-lhe a mais alta condecoração da Administração Federal da Aviação dos Estados Unidos por "um grau exemplar de competência profissional e coragem pessoal".

Nas Garras da Montanha. O drama começara pouco antes do meio-dia da véspera, quando um pilôto de Denver, Estado do Colorado, de 61 anos, Gifford M. Williamson, apontou o nariz de seu Cessna para uma encapelada nuvem branca bem à frente. No avião estavam Orville Rosengren, de 50 anos, vendedor de automóveis de St. Charles, Estado de Illinois, sua espôsa Lorraine, seu

filho Jon (Jack), de 25 anos, e um amigo da família, Charles Budde, de 22 anos. Iam de férias esquiar em Aspen, Estado do Colorado.

Inesperadamente, o avião entrou em queda vertiginosa e violenta, puxado por uma corrente descendente, com os comandos completamente inúteis. Dentro da nuvem, a invisível montanha erguia-se para agarrá-lo. O avião bateu, ricochetou alto, desceu com fôrça outra vez. A cauda e os tanques de gasolina das asas desprenderam-se com o impacto. Lançando-se com violência para a frente, o Cessna sulcou o terreno até parar com um estremecimento, enterrado sob três metros de neve. Logo adiante havia um precipício de 600 metros.

Em tôda a volta, bem acima da linha da vegetação, rugia uma nevasca. Ventos de furacão faziam a temperatura cair a 32°C abaixo de zero. A neve remoinhava como um frapê de leite. As nuvens abraçavam o solo num mundo fantasmagoricamente branco.

O rosto de Williamson chocara-se contra o painel de instrumentos. Êle estava sentado meio estonteado, sangrando, murmurando quase incoerentemente. Na poltrona retorcida ao lado, Jack estava caído molemente para a frente. Lá de trás, a mãe dêle, caída com uma clavícula e o braço esquerdo fraturados, gemeu:

—Jack! Jack!

Apesar de uma vértebra partida, o rapaz virou-se para trás e disse:

—Estou bem.

“**May Day!**”^{*} Felizmente, todos estavam vivos, embora Charles, com o ombro esquerdo deslocado, também estivesse ferido. O cheiro de gasolina era forte. Estendendo a mão, Williamson desligou os interruptores. O frio já começava a penetrar, à medida que o choque inicial ia amortecendo. Os sobreviventes amontoaram-se uns junto dos outros. Rezando para que uma centelha não inflamasse os vapores de gasolina, Williamson ligou o rádio e comunicou:

—May Day! May Day! Caídos a leste de Leadville. Feridos a bordo.

Não longe dali, o Comandante Edward Clark, que pilotava um DC-6 da United Air Lines em um vôo de instrução, ouviu o pedido de socorro. O sinal vindo de terra era fraco, mas com a ajuda de uma estação terrestre em Kiowa, no Colorado, o Comandante Clark determinou aproximadamente o local do desastre. Durante uma hora, ficou dando voltas sobre a área, sem conseguir avistar o avião. As nuvens e a neve escondiam o solo.

Alertada, a Patrulha Estadual do Colorado organizou uma busca, mas a tempestade que continuava deteve as operações no meio da tarde. Dois helicópteros do Exército, castigados pelos ventos fortes e pela neve impetuosa, não conseguiram chegar ao local.

Enquanto isso, dentro do Cessna os cinco feridos tremiam num deses-

pêro cada vez maior. No ar rarefeito da grande altitude era difícil respirar. O avião não tinha equipamento de sobrevivência, alimentos ou água. Uma garrafa de uísque, encontrada intata, foi passada em volta, mas o conteúdo congelara. As malas foram abertas e todos se enfiaram como puderam em pesadas roupas de esqui, numa tentativa para se aquecerem. Peças de roupa de baixo de uma das malas de Lorraine foram usadas para tapar frestas na estrutura metálica do avião a fim de impedir a neve de entrar. Orville fêz uma piada fraca: “Vou escrever para a Cessna que soutiens isolam melhor que o material que êles usam.”

As horas arrastaram-se com angustiosa lentidão até ao início da noite. A escuridão era total. Dormir seria morrer. Mexe os dedos dos pés. Mexe os dedos das mãos. Movimenta os braços. Movimenta as pernas. Troca de posição. De vez em quando, um chamava o nome de outro para certificar-se de que todos estavam acordados. A escuridão abriga pensamentos lúgubres.

—Era a sensação da mais profunda solidão—diz Lorraine.—Tudo estava acabando.

Aviões em Cima. Ao amanhecer a busca recomeçou. Aviões levantaram vôo, embora nuvens de tempestade ainda encobrissem os picos e os ventos atingissem 100 nós. Destacamentos de terra começaram a escalar o Monte Sherman com raquetas de neve nos pés, seguidos por Sno-Cats, veículos parecidos com um trator,

^{*} N. da R.: Convenção internacional para pedir socorro.

equipados com lagartas especialmente feitas para a neve.

No alto da montanha, Lorraine chorava baixinho e sussurrava para o marido:

—Orville, Deus não nos permitiria sobreviver ao desastre para depois nos deixar morrer, não é?

Finalmente, ouviu-se um avião a distância. Temendo conceber esperanças, todos ficaram em silêncio. Eles se achavam em cima de uma montanha completamente encoberta pelas nuvens— como poderia alguém achá-los?

O avião chegou mais perto. Orville e os dois rapazes esforçaram-se por abrir a porta da cabina contra a força do vento e da neve empilhada. Suas pernas, comprimidas durante 20 horas, pareciam mortas. Era uma tortura mexer-se, mas da asa puderam ouvir bem melhor o avião. Freneticamente, Jack começou a agitar o fôro vermelho de seu casaco. O temporal arrancou-lhe o casaco das mãos, mas um dos pilotos que efetuavam a busca tinha-os visto. Em breve mais aviões se reuniram a êle.

Naquela manhã, um noticiário de rádio de Denver informara erroneamente haver duas criancinhas a bordo do avião caído. Bob Greeno e Olie Larsen tinham-no ouvido. “E se êsses fôsem meus garotos?”, pensavam ambos quando o helicóptero virou rumo ao Monte Sherman.

Bob, que voava desde os 16 anos de idade, aprendera a pilotar helicópteros no Exército durante a

Guerra na Coréia. Agora, com mais de 5 000 horas de vôo em helicóptero, êle precisava de tôda sua experiência, pois o Monte Sherman era como um vulcão em erupção. Nuvens e neve, revolvidas pela tempestade, fervilhavam ao redor do pico.

O helicóptero era equipado com um motor superalimentado e largas pás de rotor para grande altitude, para potência e sustentação suplementares no ar rarefeito, mas 4 500 metros estavam acima de seu teto de potência máxima. Para manter-se no ar, Bob usou as correntes ascendentes junto da encosta a barlavento da montanha como se estivesse em um planador. Êle sorri ao comentar:

—Se tivéssemos perdido aquêles ventos de sustentação, teríamos caído como uma pedra.

O ar estava agitado e a turbulência era violenta e caprichosa. Através da neve e das nuvens turbilhonantes, mal se podia ver o azul da cauda quebrada do Cessna, enterrada na neve. Quase em frente havia uma selada de rocha, quase do tamanho de uma cama de casal. Sua beirada debruçava-se diretamente no precipício de 600 metros. Mas era o único lugar desimpedido à vista.

—Você vai descer?—quis saber um avião de busca.

—Vamos ver se dá.

“**Vamos Embora**”. O helicóptero desceu suavemente. No solo, os três metros dianteiros dos deslizadores estendiam-se para fora, sôbre o vazio, com quase 800 metros de nada por baixo. Eram 7h 45m da manhã.

—Olie, é melhor você ir pegá-los!
—gritou Bob.

Olie, já avô e mal agasalhado para o frio mortífero, patinhou pela neve funda até aos destroços. Não desperdiçou palavras:

—Há crianças?

—Não—respondeu Orville—mas minha mulher está em estado de choque. Quero tirá-la daqui.

—Vamos embora.

O helicóptero, encoberto na nevasca furiosa, parecia a 1 000 metros de distância. Realmente estava apenas a uns 30 metros. Lutando para alcançá-lo, Lorraine caiu repetidas vezes em cima do braço quebrado. Os ventos ululantes abafavam os seus gritos. Diz Olie:

—Ela teve um bocado de fibra.

Na beira do precipício, o helicóptero arfava e balançava como bêbedo, e Bob precisava das duas mãos nos comandos. Para manter a aeronave embaixo o tempo suficiente para os Rosengren embarcarem, Olie arrastou-se até à frente e colocou-se atravessado em cima dos dois deslizadores.

—Parecia um dormente entre dois trilhos de estrada de ferro—diz Bob.
—Embaixo do rosto dêle só havia espaço vazio.

Com dois sobreviventes a bordo, Olie recuou devagarinho, indicando por gestos que ficaria em terra para aliviar a carga. Bob não discutiu, e aumentou a potência do helicóptero apenas um pouquinho.

—Fui simplesmente suspenso pelo vento—conta êle.—Avancei e

deixei cair o helicóptero como um elevador uns 300 metros ou mais.

Poucos helicópteros em qualquer lugar do mundo já pousaram e decolaram sob tais condições. Bob estivera no cimo da montanha durante 23 minutos. Finalmente pôde libertar uma das mãos para manejar o rádio. Oito minutos depois, quando pousou em um pátio ferroviário abandonado em Leadville, uma ambulância estava a caminho para levar às pressas Lorraine e Orville para o Hospital de São Vicente. Menos de 20 litros de gasolina restavam no tanque do helicóptero. Nem chegava a aparecer no indicador.

Bob pediu um caminhão de reabastecimento:

—Depressa. Tenho de voltar.

No Monte Sherman, Olie entrara na cabina esmagada para junto dos outros, abrigando-se da tempestade. O tempo piorava. Uma turma de salvamento terrestre de quatro homens, marchando sôbre raquetas de neve, deslocando-se como fantasmas através da cegante nevasca, alcançou a cena do desastre pouco depois.

—Teremos de esperar!—gritou o chefe da equipe.—Não há possibilidade de descer com a nevasca.

Ninguém imaginou que Bob voltasse. Olie, empastado pela neve congelada, insistiu:

—Tenho de descer para altitude mais baixa. Não consigo respirar aqui.

Contra o conselho da turma de salvamento, êle resolveu partir.

O Vento Mau. Era incrível, mas

Bob estava novamente a caminho!

—Eu não conseguia controlar o helicóptero—diz êle.—O vento chegava a 75 nós. Correntes ascendentes por baixo das pás de meu rotor atiravam-me para cima a 150 metros por minuto, e nada havia que eu pudesse fazer.

Três vêzes êle forcejou até uns 10 ou 12 metros do pico, que mal podia distinguir entre as nuvens. Tôda vez os ventos selvagens o lançavam para trás. Êle recorda melancòlicamente:

—Eu não tinha jeito de chegar àquela montanha.

Finalmente, Bob viu por um instante uma pequena clareira a cêrca de 400 metros abaixo dos destroços, onde os ventos não eram tão fortes. Fazendo outra aproximação, lutou para levar o helicóptero ao solo. “Bem”, pensou êle, “daqui posso sair andando se quiser.”

Olie já estava a caminho. A marcha foi lenta até chegar ao cimo de uma encosta gelada, onde se sentou sôbre uma raqueta de neve, usando-a como tobogã. Deslizou 250 metros pela rampa natural a uma velocidade tremenda. Aí prendeu o pé numa pedra saliente. Desceu às cambalhotas pela neve, batendo com o rosto em outras pedras, cortando-se sèriamente.

—Não senti nada—diz Olie.—Estava tudo congelado.

Levantando-se com dificuldade, Olie saiu aos tropeções e encontrou outra turma de salvamento terrestre. Daí a pouco puseram-no em uma

ambulância. Às 10h 30m da manhã, estava no hospital em Fairplay.

Por Cima de Uma Cascata. No tôpo da montanha, a turma que estava nos destroços não pôde ver nem ouvir Bob quando êle pousou novamente às 8h 54m.

—Liguei a sereia—conta êle—e pus minha luz vermelha a girar.

Indistintamente, os do Cessna escutaram o uivo por cima do vento. Williamson e os dois rapazes foram ajudados a descer até ao helicóptero. Todos os três se achavam em más condições.

—Onde está Olie?—foi a primeira pergunta de Bob.

—Já se foi.

—Está bem, ponham-nos aí dentro.

Na elevada altitude, dois passageiros sobrecarregavam o helicóptero.

—Eu sabia que não poderia voltar de nôvo—diz Bob.

Êle mandou que colocassem os três a bordo.

Na neve agitada e nas nuvens esfumaçadas, Bob não conseguia ver mais de um metro adiante da cúpula de plástico. Em sua segunda decolagem, mal pôde manter a aeronave acima do solo até alcançar a beira do penhasco.

—Caí como um barco descendo uma cascata—recorda êle.

Lá embaixo havia uma garganta tão estreita que só dava uns dois metros de folga de cada lado das pás do rotor. Diz Bob tranqüilamente:

—Fui descendo até sair das nuvens.

De volta a Leadville, sãos e salvos, Williamson e os dois rapazes foram levados rapidamente para junto de Orville e Lorraine no Hospital de São Vicente. Decolando novamente, Bob voou até Fairplay para ver como Olie estava. Quando chegou, Olie esperava despreocupadamente:

—Acho melhor a gente ir indo para Glenwood Springs.

—Certo—concordou Bob.—Já estamos bastante atrasados.

Bob continua inspecionando linhas de força e Olie trabalha em sua mesa de administrador. Williamson, o piloto do Cessna, morreu em outro desastre numa montanha, mas os Rosengren e Charles estão bem.

—Todos os dias—diz Orville humildemente—damos graças a Deus.



UMA DAS minhas tias sente remorsos toda vez que lê sobre quanto os jovens são infelizes. Ela pensava que tinha gozado a sua juventude, mas agora percebe que deve ter sido porque não estava prestando atenção.

—Bill Vaughan, em *Star* de Kansas City



DURANTE a Segunda Guerra Mundial, o nosso campo de aviação na Itália ficava ao lado de um olival. Na época da colheita das azeitonas, meninos e mulheres estendiam lonas debaixo das árvores e batiam nos galhos com longas varas para derrubarem as azeitonas sobre as lonas. Um jovem tenente dotado de espírito de iniciativa, depois de observar essa técnica, que vinha sendo usada de geração em geração, resolveu entrar no negócio da colheita da azeitona e ofereceu-se para colher os frutos de todo o olival em troca de duas galinhas vivas. No dia seguinte, ao voltar de uma missão, passou várias vezes por sobre as árvores. O vento provocado pelo P-38 derrubou todas as azeitonas em cima das lonas.

—C. F.



O Lado Bom

UMA EXPLOÇÃO atômica subterrânea no Mississípi, destinada a aperfeiçoar um sistema para descobrir as experiências atômicas da Rússia e da China Vermelha, teve um feliz efeito secundário para os plantadores de nozeiras daquela região—sacudiu as nozes das árvores.

—*Journal* de Atlanta